

Óperas (Mal) Amadas do Século XX



Desenho de Rudolf Heinrich para os figurinos de *Daphne*, de Richard Strauss

Por vários motivos, os teatros de ópera de todo o mundo apresentam, com regularidade, as obras que pertencem ao que foi estabelecido como o cânone que o público exige, ficando-lhes muito pouco espaço para oferecer criações que saiam desse número relativamente reduzido de obras. Inúmeras são as óperas que nunca tiveram oportunidade de se encontrarem com o público ou tiveram uma oportunidade fugaz. Isto é assim, relativamente às óperas de todos os tempos, incluindo, evidente-

mente as do século XX que por isso permanecem “injustamente esquecidas”.

Não se podendo trazer essas obras para o palco, que é o seu lugar, esta iniciativa dos “Amigos do S. Carlos” tem a enorme virtude de proporcionar o contacto possível com óperas que, por razões estranhas à sua riqueza dramática e musical, as pessoas em geral desconhecem. O que nos permite aumentar o nosso conhecimento sobre a criação operática descobrindo obras que, mesmo nos limites de uma conferência, nos podem deleitar.

7 de Fevereiro

***Daphne* de Richard Strauss,
por Rui Vieira Nery**

Daphne – Música: Richard Strauss;
Libreto: Josef Gregor; Estreia: Staatsoper de Dresden, 15 de Outubro de 1938

Antepenúltima ópera de Richard Strauss e a última estreada ainda antes da eclosão da II Guerra Mundial, *Daphne* é vítima da popularidade contínua dos grandes sucessos anteriores do compositor, como *Salomé*, *Elektra* e *O Cavaleiro da Rosa*, ou mesmo do simbolismo sedutor da sua última produção dramática, o *Capriccio*, de 1942. Impedido de prosseguir a sua colaboração com o romancista e dramaturgo judeu Stefan Zweig, que fora forçado a exilar-se para escapar à perseguição nazi, Strauss aceita a sugestão que este lhe fizera de uma parceria com o filólogo Josef Gregor, responsável pela secção de Arte Dramática da Biblioteca Nacional de Viena, mas Gregor é um erudito palavroso, sem qualquer senso dramático. A correspondência entre ambos depressa revela o azedume e a frustração do compositor, que se vê obrigado a

rever e amputar significativamente o texto do seu novo colaborador, a quem acusa de “se deixar embriagar demasiado pelos seus próprios versos” e de abusar das “banalidades filosóficas de mestre-escola”. Mas o resultado final é de uma economia de meios e de uma eficácia teatral surpreendentes, para lá de uma inspiração melódica ao nível do melhor Strauss, tornando ainda mais surpreendente o esquecimento a que a partitura viria a ser votada a partir do pós-guerra. Estreada sob a direcção de Karl Böhm, com o grande Soprano wagneriano Margarete Teschemacher no papel principal, seria este mesmo maestro notável um dos grandes defensores da obra, que viria a dirigir repetidamente ao vivo ao longo das décadas seguintes e a gravar para a Deutsche Grammophon, com o Soprano Hilde Güden. Mais recentemente, tem sido o Soprano Renée Fleming a consagrar-se como intérprete da protagonista da *Daphne*, tendo-a gravado integralmente sob a direcção de Semyon Byschkov.

RUI VIEIRA NERY

Rui Vieira Nery nasceu em Lisboa em 1957. É licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa (1980) e Doutorado em Musicologia pela Universidade do Texas em Austin (1990).

É actualmente Professor Associado do Departamento de Artes da Universidade de Évora e Director-Adjunto do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo ocupado entre 1995 e 1997 o cargo de Secretário de Estado da Cultura do XIII Governo Constitucional.

Próxima conferência:

14 de Fevereiro · *Padmâvati* de Albert Roussel, por Cristina Fernandes

4ª FEIRAS 2007 · JANEIRO 31 · FEVEREIRO 7, 14, 21 E 28 · MARÇO 14 E 28 SALA 2 · 18H30